

Sociedade e cultura à luz do romance *Claraboia*, de José Saramago

Society and culture in the light of the novel *Claraboia*, by José Saramago

Fernângela Diniz da Silva

Doutoranda em Letras na área de Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em Letras (UFC). Especialista em Semiótica Aplicada à Literatura e áreas afins, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduada em Letras Português - Francês pela Universidade Federal do Ceará). Atua como pesquisadora da Literatura saramaguiana à luz da Semiótica discursiva. Bolsista Capes pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (UFC). Email: fernangela_diniz@hotmail.com

Resumo

Claraboia, romance publicado postumamente em 2011, retrata a sociedade portuguesa dos anos 50 por meio da convivência entre pessoas que habitam o mesmo prédio. Tal moradia é composta por famílias de classe média baixa que buscam a sobrevivência em meio à escassez de oportunidades, mas que, apesar das agruras do dia a dia, encontram, sejam nos livros ou na música, uma forma lúdica de esquecer ou quem sabe viver a vida. O presente artigo tem como objetivo verificar a construção social apresentada no romance saramaguiano, bem como perceber o impacto que a cultura possui nas relações íntimas daquelas personagens. Nossa análise terá como apoio teórico a Semiótica francesa, teorizada por Algirdas J. Greimas (2012), a qual nos possibilita, por meio do Percurso Gerativo de Sentido, apreender os sentidos e seus efeitos no discurso. Para tanto, teremos como embasamento os estudos semióticos de José Luiz Fiorin (1993), Denis Bertrand (2003) e Diana Luz Pessoa de Barros (1988) e literários, a exemplo de Ana Paula Arnaut (2008) e Carlos Reis (2018), bem como artigos e teses dedicadas ao nosso objeto de estudo.

Palavras-Chave

José Saramago, Claraboia, Sociedade, Cultura.

Abstract

Claraboia, a novel published posthumously in 2011, portrays portuguese society in the 1950s through the coexistence of people who inhabit the same building. This house is made up of lower-middle-class families who seek to survive amidst the scarcity of opportunities, but who, despite the hardships of everyday life, find either in books or in music a playful way to forget or try to live their lives. This article aims to verify the social construction presented in the Saramaguian novel, as well as to understand the impact that culture has on the intimate relationships of those characters. Our analysis will have as theoretical support the French Semiotics, theorized by Algirdas J. Greimas (2012) which allows us, through the Generative Path of Sense, to apprehend the senses and their effects in the discourse. For that, we will have as a basis the semiotic studies of José Luiz Fiorin (1993), Denis Bertrand (2003) and Diana Luz Pessoa de Barros (1988) and literary studies such as Ana Paula Arnaut (2008) and Carlos Reis (2018) as well as articles and theses dedicated to our object of study.

Keywords

José Saramago, Claraboia, Society, Culture.

Introdução

“*Claraboia*, cuja redação José Saramago terminou a 5 de Janeiro de 1953, consiste num datiloscrito de 310 páginas, assinado com o pseudônimo de ‘Honorato’. A presente edição reproduz fielmente o original” (SARAMAGO, 2017, p. 4). Essa nota extraída da ficha catalográfica do romance o localiza como umas das primeiras produções escritas, todavia a obra não foi publicada na época, chegando ao público somente em 2011. O leitor conhecedor da obra saramaguiana pode, *a priori*, sentir um estranhamento com relação ao estilo do autor, uma vez que *Claraboia* apresenta uma estrutura tradicional no que diz respeito, por exemplo, a pontuação gráfica, ainda adotada convencionalmente. No entanto, é no discurso construído que percebemos os interesses temático-figurativos do escritor, aspecto possível de ser dialogado com suas demais prosas.

É válido elaborar uma breve reflexão acerca da fase inicial de escrita de José Saramago. Autor reconhecido por sua prosa responsável por levá-lo a ser o primeiro Nobel em língua portuguesa, Saramago escreveu dois romances iniciais *Terra do pecado* (1947) “livro sedimentário” (REIS, 2018, p. 35) e *Claraboia* que, segundo o próprio escritor, “é um livro também ingênuo, mas que, tanto quanto me recordo, tem coisas que já têm que ver com o meu modo de ser” (REIS, 2018, p. 36). Partimos dessa premissa, portanto, a de que em *Claraboia*, assim como nas crônicas e na poesia, encontram-se os interesses desse enunciador em construção. De Honorato a Saramago, o artista parece buscar a melhor forma de encaixar-se em uma expressão acerca do mundo e da condição humana. Sendo assim, o retrato de uma sociedade com seus vícios e virtudes e a cultura, esta aliada da sobrevivência, se faz presente no nosso objeto de estudo - *Claraboia*.

Segundo Houaiss (2009, p. 477), claraboia é uma abertura “coberta por caxilho ou cúpula envidraçada, praticada no teto ou no alto da parede, para iluminar peça interior de uma edificação”. É, então, através da *Claraboia* de um prédio português, não especificado, que vemos um recorte da sociedade dos anos 50, especialmente a de classe média baixa, sobrevivente do trabalho árduo e da restrita condição econômica.

O enredo se passa em 1952 e sabemos dessa informação graças à sinalização de Adriana em seu diário. A família da jovem é uns dos clãs que habitam o edifício. Adriana, funcionária de um escritório, é irmã de Isaura, costureira. As duas vivem com a mãe Cândida e a tia Amélia, ambas viúvas. No entanto, essa não é a primeira família que o leitor conhece. Isso porque o primeiro capítulo apresenta um encadeamento de cenas que provoca um efeito de sentido quase cinematográfico o qual cada morador é apresentado a partir da interação de um com outro.

Isso tem início quando o narrador começa a apresentar Silvestre, sapateiro, e sua esposa Mariana. O homem cumprimenta Adriana e assim conhecemos a família da jovem. Em seguida, Justina, casada com Caetano, é incluída na estória ao ir à casa das mulheres reclamar do barulho da máquina de costura. Logo depois, Justina, ao chegar ao patamar, escuta uma conversa entre Anselmo e Rosália falando sobre Maria Cláudia, que, posteriormente, faz um telefonema na casa de Lídia. Dessa forma, conhecemos uma mulher que parece destoar daquelas famílias ditas tradicionais. Lídia tinha um companheiro que a visitava, Paulino Morais. Ainda em sequência, a mulher pede para que uma criança vá à mercearia, assim conhecemos Henriquinho, filho da espanhola Carmen e de Emilio.

Dessa forma, temos seis núcleos principais, através dos quais é possível conhecer os comportamentos sociais, a moral, o trabalho e os relacionamentos, ao passo que conhecemos também a individualidade de cada um, especificada pelos seus gostos. Assim, para esta análise, faremos uso da Semiótica discursiva que, conforme Denis Bertrand (2003, p. 49),

“apresenta modelos para análise da significação, para além da palavra, para além da frase, na dimensão do discurso lhe é inerente.”

Em busca da apreensão da construção dos sentidos, destacaremos o nível discursivo do Percurso Gerativo de Sentido pensado pelo semioticista Algirdas J. Greimas, “que vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto e que se organiza em níveis ou lugares de articulação da significação, passíveis, cada qual, de descrição autônoma.” (BARROS, 2005, p. 84). Os níveis são três, compostos por: fundamental, narrativo e discursivo, o qual cada um possui uma semântica e uma sintaxe.

Para o presente estudo, destacaremos, sobretudo, a semântica do nível discursivo, ou seja, a figurativização e a tematização. A Semiótica discursiva entende por figura “o termo que remete a algo existente do mundo natural” (FIORIN, 2016, p. 91), que é construído no texto. Já tema é o “investimento semântico de natureza puramente conceptual” (FIORIN, 2016, p. 91). Assim, os temas “são categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural” (FIORIN, 2016, p. 91). A presente análise visa elaborar uma interpretação acerca das figuras e dos temas contidos no romance selecionado de José Saramago.

A partir dessa breve introdução acerca da teoria aqui utilizada, dividiremos nosso artigo em dois momentos: o primeiro será “A sociedade vista da *Claraboia*: família, trabalho e moral”. Com apoio de trechos selecionados, perceberemos como o recorte da sociedade portuguesa, protagonizada pelos habitantes do prédio, se articula em termos figurativos no trabalho, na relação com o dinheiro, na família e nos aspectos morais, fazendo surgir o tema da opressão, da pobreza, do conservadorismo e do amor na narrativa.

Em um segundo momento, o tópico “A cultura como aspecto da individualização”, volta-se para o íntimo de determinadas personagens cujo gosto pela arte se faz presente na rotina. A cultura parece se tornar, no romance, uma estratégia para fugir de uma realidade dura e monótona, além de ser o espaço dos sonhos ou ainda de conhecimento. Por isso, este aspecto oferece a essas pessoas uma identidade, uma individualidade não restrita apenas ao núcleo da família e do trabalho.

O artigo “Sociedade e cultura à luz do romance *Claraboia*, de José Saramago”, pretende oferecer uma análise literária com base nos conceitos básicos de Semiótica Discursiva. Ansiamos, assim, destacar essa produção que embora “ingênua” tem uma importância para o entendimento da construção da voz do enunciador saramaguiano, como defende Ana Paula de Jesus Soares (2020, p. 82) “É neste romance que já estão os embriões de muitas personagens e de muitas ideias a desenvolver em futuras obras. Cada personagem criada, cada temática abordada poderá ser um tubo de ensaio, uma experimentação de um projeto maior”. Uma das ideias frequentemente trabalhadas pelo autor português é a da condição humana e é sobre isso que trataremos no estudo a seguir.

A sociedade vista da *Claraboia*: família, trabalho e moral

O conceito de família revela suas complexidades refletidas em teorias sociológicas e filosóficas ao longo dos anos, a exemplo de Hegel, como explica o artigo “O método dialético de Marx: investigação e exposição crítica do objeto” (2011):

A tese central de Hegel, na sua obra *Princípios da Filosofia do Direito* (Grundlinien der Philosophie des Rechts) (1821), é de que o Estado é uma essência independente, instância autônoma, necessária (a suprema realidade social do homem), que possibilita a unidade da família e da sociedade civil.

Hegel concebe a sociedade civil, tal como a família, como manifestação conceitual do Estado (...). Para Hegel, a família e a sociedade civil são concebidas como esferas ideais do Estado, como esferas de sua finitude, como sua infinitude mesma (CHAGAS, 2011, p. 58).

O aspecto da família é, portanto, relevante para a compreensão do funcionamento da sociedade que, a depender da perspectiva, ganha uma nova dimensão. No âmbito da Literatura, eixo central deste estudo, é possível notar que, especialmente os romances do século XIX, a família é figurativizada de modo a revelar tanto o comportamento da esfera privada como da esfera social. É, assim, que se desvelam as crenças, os posicionamentos ideológicos e a própria moral, entendida como “conjunto de valores, individuais ou coletivos considerados universalmente como norteadores das relações sociais e da conduta dos homens” (HOUAISS, 2009, p. 1316). O romance é, portanto, esse gênero que trabalha minuciosamente como se dá as problematizações de uma estrutura familiar. Exemplos disso seriam os clássicos franceses, como *Madame Bovary* (1856) cuja narrativa escancara a dinâmica ser *versus* parecer, seja no casamento frustrado ou na relação de Emma com o pai, o marido, os amantes e, posteriormente, a filha.

Já em meados do século XX, a narrativa de *Claraboia* apresenta uma amostra da sociedade portuguesa dos anos 50 cujos valores giram em torno da família, do trabalho e da moral, aspecto este que atravessa todos os outros. A questão social que problematiza a condição humana aparece como um interesse recorrente na bibliografia saramaguiana. A pesquisadora Ana Paula Arnaut, no livro *José Saramago* (2008), sintetiza as principais temáticas trabalhadas na prosa do escritor, dentre essas chamadas preocupações encontram-se

o enorme empenhamento ideológico traduzido na adoção do ponto de vista dos mais fracos e desfavorecidos ou na incisiva denúncia e crítica de injustiças e desumanidades de índole e de jaez diversos; o papel de primordial importância concedido à mulher quer no que respeita ao seu trânsito histórico-social quer no que se refere ao relevo que desempenhará na (in)formação e desenvolvimento afectivo, moral ideológico do universo masculino. (ARNAUT, 2008, p. 21).

Os arranjos sociais que aparecem no romance, seja o pai, a mãe e o filho, sejam as irmãs e as filhas, seja a mulher que mora sozinha ou o casal sem filhos, possuem em comum o lado dos desprivilegiados. Trata-se de famílias humildes que, embora a miséria não se faça presente, o trabalho árduo do cotidiano tem como objetivo afastá-la de um futuro. Assim, por meio de três selecionados recortes do romance é possível ilustrar como se dá a relação da família, do trabalho e da moral, são eles: a amizade entre Abel, Silvestre e Mariana, a vida de Lídia e seu elo com sua mãe e com Paulino Morais, por fim, o cotidiano de Rosália, Anselmo e Maria Cláudia.

O morador mais antigo do edifício, Silvestre, percebia que apenas o dinheiro de seu ofício não era suficiente para enfrentar as dificuldades, como se lê no desabafo: “A sola está cada vez mais cara. A freguesia queixa-se de que levo caro. É a sola... Não posso é fazer milagres. Sempre queria que me dissessem quem é que trabalha mais barato que eu. (SARAMAGO, 2017, p. 12). Além dessa fala nos revelar a desvalorização do trabalho de Silvestre aponta ainda um contexto econômico de exploração, posto que na vida prática daquelas famílias o que se recebe não supre o que se gasta. Para reverter a situação econômica, alteram a própria vida íntima, isso porque decidem alugar um de seus quartos para o inquilino Abel.

Dentro da narrativa, o elo entre Abel e Silvestre, *a priori* criado forçadamente pela circunstância, torna-se muito importante para entender não só a identidade do sapateiro, como

também a memória de Portugal descrita na conversa entre os homens. Os dois compartilham uma história de vida difícil na busca pelo sustento desde cedo, mas também tinham muitas diferenças, como explica Silvestre: “O Abel passou fome e frio porque quis, eu passei-os mesmo sem querer. Faz a sua diferença. Foi por sua vontade que começou a fazer essa vida, e não o censuro. A minha vontade não foi achada nem chamada para a vida que tive”. (SARAMAGO, 2017, p. 199). Embora se encontrem na luta árdua, há um aspecto que parecem discordar: a importância dos laços afetivos. Os detalhes não são descritos para o leitor, mas o fato é que Abel preferiu não conviver com sua família já na juventude.

Depois de adulto, Abel vai de encontro à postura de fixar-se em uma residência e constituir uma família. Para ele, a liberdade era cara, opta, assim, por não aprofundar suas relações íntimas. No entanto, é por conta da vida de Silvestre, pela história de amor e amizade que, posteriormente, compartilhou com Abel que faz o jovem rapaz depreendido pensar: “«É o amor», pensou Abel. «É o amor que lhes dá esta tranquilidade, esta paz.» E, bruscamente, entrou-lhe no coração um desejo violento de amar, de dar-se, de ver na segura da sua vida”. (SARAMAGO, 2017, p. 203). Situação que leva os leitores a pensar: então, é o amor e o companheirismo a força que ajuda a amenizar as agruras da vida?

O fato é que Mariana era uma companheira, estava ao lado de Silvestre em todos os momentos, a exemplo de quando foi perseguido politicamente. No entanto, o adjetivo utilizado para descrevê-la é sempre “bondosa” e “gorda” seja pela voz do narrador, de Abel ou de Silvestre. Tais figuras colaboram para imagem de uma mulher que, ao passo que é solícita e cuidadora, é também julgada pelo seu parecer físico modificado ao longo dos anos.

Silvestre foi um entusiasta da república e recriou discursivamente a atmosfera portuguesa desse momento histórico, posteriormente participou da Guerra e tinha na sua juventude um ideal para lutar. Embora Silvestre demonstrasse traços de uma simpatia socialista, próxima ao enunciador saramaguiano que percorre outros romances, valores conservadores como o patriarcado ainda rege a dinâmica na família. Dessa forma, é possível perceber no comportamento das personagens suas formações ideológicas que apontam a tensão entre uma visão tradicional, pautada em um moral patriarcalista e uma visão que se propõe romper com os valores conservadores em nome de uma sobrevivência, conforme José Luiz Fiorin:

é uma visão de mundo, um conjunto de representações que explicam as condições de existência. Como as visões de mundo estão vinculadas às classes sociais, há, em princípio, numa formação social, tantas visões de mundo quantas forem as classes aí existentes. No entanto, a visão de mundo dominante é a da classe dominante. (FIORIN, 1998, p. 81)

A classe social baixa de Abel, Silvestre e dos demais moradores do prédio os oferece a noção de opressor e oprimido em um contexto onde o capital impera, fato verificável nas vivências das personagens, por exemplo: Abel narra histórias de trabalhos mal pagos e de desprezo por parte de superiores em entrevista; Isaura, jovem costureira, sabia que os clientes não podiam esperar suas encomendas; Anselmo vivia com o dinheiro contado e narra a disputa no escritório; Emilio, que vivia em um casamento mal sucedido, descrevia discursos por conta dos gastos com seu vício em cigarro: “Dinheiro queimado, dinheiro deitado à rua, dinheiro que fazia falta. Vícios, são bons para ricos, e, quem os quer ter, enriquece primeiro” (SARAMAGO, 2017, p. 158), ou seja, a questão não era a dependência química e sim o gasto que traria. Assim, percebe-se que o dinheiro, interfere na relação familiar e a forma de adquiri-lo pode conectar-se a valores ditos morais ou não dentro dessa conjuntura social, haja vista a personagem Lídia a qual atentaremos a seguir.

Neste momento podemos frisar a segunda característica apontada pela pesquisadora Arnaut (2008), no início dessa seção, a problematização do papel das figuras femininas do

romance. Se por um lado temos Mariana, a imagem da mulher comedida, dedicada aos afazeres domésticos que compreende as inquietudes do marido, descrição relacionada a uma perspectiva de um tradicionalismo familiar. De outro, temos Lídia, mulher que chamava atenção por seu modo de viver, sempre cercada por olhares julgadores da vizinhança.

A inquilina habitava sozinha sua moradia do prédio e tinha alguém em sua vida que a sustentava economicamente: “Vivia por conta dele há três anos. Conhecia-lhe os tiques, as idiossincrasias, os movimentos.” (SARAMAGO, 2017, p. 146). Chamado de visitante, Paulino Morais, era uma figura conhecida entre os vizinhos, embora não convivesse com eles. Todos sabiam que horas chegava, o tempo que ficava na casa e, portanto, a origem do dinheiro de Lídia. O homem, para Lídia, representava a solução, pois por conta dele saiu das inseguranças de buscar o sustento na rua com outros. *A priori*, Lídia era uma afronta à instituição familiar, mas era a ela que muitos recorriam em busca de dinheiro ou emprego, o que revela a hipocrisia de alguns daqueles personagens.

Embora fosse sozinha na vida, Lídia tinha uma mãe que pouco pareceu apoiá-la durante seu crescimento. Suas visitas aconteciam por uma motivação - o dinheiro, como se pode ler no trecho: “Lídia conhecia bem a mãe para saber que ela não teria vindo só para notar-lhe o bom ou o mau aspeto” (SARAMAGO, 2017, p. 75). Lídia sustentava a mãe que tinha consciência da origem de tal economia e aparentava medo de perder a renda, reprimendo a filha por suas saídas. Vejamos o diálogo:

- A mãe importa-se mais do que eu com o que o senhor Morais pensa...
- É para teu bem. Agora que tens uma situação...
- Agradeço-lhe o cuidado, mas já tenho idade para não precisar de conselhos. Saio quando quero e faço o que quero. O mal ou o bem que eu faça são à minha conta.
- Digo-te isto porque sou tua mãe e quero o teu bem-estar...
- Lídia teve um sorriso brusco e incomodativo:
- O meu bem-estar!... Só há três anos é que a mãe se preocupa com o meu bem-estar. Antes disso dava-lhe pouca importância. (SARAMAGO, 2017, p. 76).

Situações conflituosas pautam a relação de mãe e filha, aproximação que, provavelmente, só acontece devido ao dinheiro. A pensão mensal que Lídia proporcionava para mãe era a justificativa de alguns minutos de conversa. É possível notar uma conjuntura de exploração pautada em uma chantagem afetiva baseada no simbolismo da maternidade, posto que a mãe reclamava de sua doença e vulnerabilidade financeira. Ainda que Lídia demonstrasse ser dona de si, uma personalidade feminina que rompe com as estruturas conservadoras no seu presente, as memórias do passado revelam um rancor com aquela figura que não foi maternal quando precisava. Existe uma reação ao desamparo nas atitudes de Lídia, uma vez que sabia a intenção da mãe: “Só há três anos é que a mãe se preocupa com o meu bem-estar” (SARAMAGO, 2017, p. 77), tempo que coincide com o relacionamento com Paulino Morais. O artigo “Família: uma abordagem filosófica” (MENESES, 1995), ao pensar acerca do conceito família e do papel de alguns de seus membros, destaca a figura materna:

A presença da mãe, sua relação para com ela, essa osmose e distinção, diferença e identidade, essa rede de conhecimento e reconhecimento, de amar e de ser amado, essa satisfação das necessidades, a começar pela necessidade de ternura e acolhimento, esse complexo de sensações, de emoções, de experiências e de compreensão que constituem a convivência da criança com a mãe, não só marcam a personalidade, mas a constituem. (MENESES, 1995, p. 294).

Lídia sofreu o impacto do abandono materno, assim como também precisava lidar com o reaparecimento da mãe na sua vida oriundo não do amor e sim do interesse. São, portanto, esses conflitos que colaboram para a visão da moça acerca da vida. Ademais, importa-nos destacar o peso que a moral possui em cada circunstância. A narrativa deixa pistas de que quando Lídia tinha relacionamentos casuais com vários homens estava só, vista como marginalizada por aquela sociedade. No entanto, a partir do momento em que ela consegue uma casa, uma renda e apresenta para todos uma melhor condição de vida, se comparada à de seus vizinhos, a mulher começa a ser tolerada, ainda que não seja aceita moralmente. Não havia mudança em como era em essência, mas a forma como aparecia para a mesma sociedade era diferente. A tolerância dava-se até pelas vantagens que podiam tirar de sua posição, seja a própria mãe ou a família de Anselmo, Rosália e Maria Cláudia.

Aqui temos a figurativização de uma família tipicamente tradicional: a mãe dona de casa, o pai que trabalha fora e a filha jovem, trabalhadora de um escritório. Maria Cláudia era filha única e vivia sob os olhares atentos dos pais que repreendiam os maus comportamentos, a forma de vestir e as pessoas com quem era vista: “Claudinha, bem sabes que isso não é bonito. Uma menina nova, como tu, não pode andar assim acompanhada. O que dirão os vizinhos? Essa gente, onde põe a língua põe veneno” (SARAMAGO, 2017, p. 93). A reputação da família era prezada. Enquanto estrutura familiar o ser e o parecer também andavam juntos, ou seja, importava a imagem que os outros podiam fazer deles.

A vivência dessa família era oposta à de Lídia. Ainda que fossem cordiais no trato cotidiano, Rosália alimentava uma imagem ruim da mulher e, inicialmente, não gostava que sua filha se aproximasse dela, mas isso até os ganhos mensais da família não serem suficientes para arcar com as despesas, quando a própria Rosália teve a ideia de pedir para que Lídia arranjasse um emprego com Paulino Morais para sua filha. Depois de solicitado o favor eis o que o narrador descreve: “dada a situação irregular em que vivia e a que toda a gente no prédio torcia o nariz, agradava-lhe conseguir o emprego para Maria Cláudia, porque isso, espalhado aos quatro ventos pela satisfação de Rosália, conferir-lhe-ia um certo prestígio na vizinhança” (SARAMAGO, 2017, p. 148). Lídia buscava essa aceitação por parte das pessoas ditas de família, de alguma forma aquela mulher ao tentar resolver essas demandas busca se encaixar nesse contexto mostrando que até aqueles que a julgam também precisam dela.

Tais arranjos exemplificados nas relações pessoais e nas conveniências do dia a dia figurativizam a hipocrisia que ronda boa parte das condutas das personagens, cuja moral, os valores e o conceito de família se adequam aos interesses. Assim, embora Anselmo, a figura paterna que exerce uma autoridade neste núcleo, tenha discordado inicialmente da ideia de pedir ajuda de Lídia, o homem sabia como funcionava a sociedade a qual faz parte, ao expor a seguinte visão: “o dinheiro é (palavras suas) a mola-real da vida. Que para o alcançar todos os processos são bons, desde que a dignidade não sofra com eles” (SARAMAGO, 2017, p. 90). A dignidade que é, sobretudo, defendida na imagem de uma família conservadora em seu parecer toma outros contornos devido às circunstâncias econômicas e se desdobra nos próprios valores de Maria Cláudia que parece ser muito mais próximos aos valores de Lídia do que de sua mãe. Vale ressaltar que há nessa mulher livre algo que encanta a jovem Claudinha.

Nesse tópico, exemplificamos aspectos de como se dá o funcionamento da sociedade vista em uma pequena amostra simbolizada pelos moradores do mesmo prédio. Decerto que tantos outros exemplos poderiam ser dados, contudo optamos por apresentar algumas ações mais relevantes para a compreensão da organização familiar, do trabalho e da moral. Percebemos a figurativização de famílias tradicionais que são vistas de forma positiva por parte de alguns inquilinos, a exemplo de Silvestre e Anselmo. Verificamos ainda que essas pessoas são sobreviventes de uma classe econômica explorada por sistema que pouco a ampara no cotidiano. Ademais, os valores conservadores que perpassam a vida dessas pessoas são questionados por meio da presença de Abel e, especialmente de Lídia, cuja sua existência

afronta o que se entende por moral. Mas não só isso, a presença de Lídia escancara a hipocrisia de muitos, ainda que sutilmente ela também tente se adequar a um falso parecer.

A cultura como aspecto de individualização

Há uma complexidade conceitual no que diz respeito ao termo cultura. Muitos autores se dedicam a sua reflexão: Raymond Williams, Terry Eagleton, John Fiske, são alguns deles. A Semiótica discursiva a entende por oposição à natureza, com base nos estudos de Lévi-Strauss, conforme discorre Greimas e Courtés (2012):

O conceito de cultura é, ao mesmo tempo, relativa e universal. Se se entende o mais das vezes por cultura a de uma comunidade linguística autônoma, nem por isso deixa, de existir áreas culturais que transcendem as fronteiras linguísticas, tal como uma cultura humana planetária, caracterizada por práticas científicas, tecnológicas e até mesmo, em parte, por ideologias comuns. (GREIMAS E COURTÉS, 2012, p. 109).

As “ideologias comuns” são possíveis de serem verificadas nas condutas dos moradores do prédio português, como já foi exemplificado anteriormente. Isso é tão visível que mesmo as personagens que fogem sutilmente de um pensamento conservador vigente são vistas à margem. Contudo, apesar de adotarmos a Semiótica discursiva, o presente artigo exige um recorte mais delimitado, assim sendo aceitaremos a definição dicionarizada acerca de cultura que a compreende como “cabedal de conhecimentos de uma pessoa ou grupo social” (HOUAISS, 2009, p. 1316).

Como se viu, há um aspecto que une os moradores do prédio de *Claraboia*, o fato de que todos buscam a sobrevivência em um contexto economicamente precário. Apesar de cada um possuir suas particularidades, é fato que a conjuntura coletiva aponta que a rotina dessas pessoas se divide entre o trabalho, submissos a relações e remunerações questionáveis e a família, a qual a maior parte delas lida com adversidades de casamentos em crises ou impasses entre pais e filhos. No entanto, existe um ponto em que a questão deixa de ser apenas uma característica coletiva e passa a individualizar as personagens: a cultura.

As pessoas de tinta e papel que Saramago constrói em *Claraboia* não são alienadas à relação trabalhista e familiar, elas ganham uma identidade a partir do momento que seus gostos e apreços são apresentados. *A priori*, um olhar desavisado espera que essas famílias não apresentem uma profundidade intelectual devido ao contexto em que vivem, todavia, suas vivências apontam o contrário. Ora, temos um sapateiro que lê sobre política e se interessa sobre acontecimentos históricos da sua atualidade, mas não só isso, temos leitores assíduos e ouvintes de música clássica entre os inquilinos do edifício. Tais opções oferecem uma individualidade, isso porque eles deixam de ser só mais uma peça de uma sociedade que busca o capital para viver e passam a expressar seus sentimentos, suas identificações com a arte, utilizando-a como fuga de um mundo hostil. Vejamos a jovem costureira Isaura e sua relação com a Literatura:

Só lhe faltavam umas cinquenta páginas e estava na passagem mais interessante. Aqueles amores clandestinos, sustentados através de mil peripécias e contrariedades, prendiam-na. Além disso, o romance estava bem escrito. Isaura tinha experiência bastante de leitora para assim julgar. Hesitou. Mas bem via que nem sequer tinha o direito de hesitar. As camisas esperavam-na. (SARAMAGO, 2017, p. 15)

Isaura sempre se via entre a necessidade de trabalhar e a vontade de continuar com a instigante leitura. Assim, tinha por hábito alugar romances e precisava aproveitar o tempo disponível do aluguel. Como o narrador aponta, Isaura não era qualquer leitora, a moça tinha um conhecimento suficiente para atribuir um valor estético à obra, contudo ainda que houvesse esse olhar racional, o que parecia prevalecer era o anseio em aventurar-se por paixões e por vidas distantes da sua, posto que passava seus dias no apartamento a costurar, perdendo-se em sonhos na paisagem da janela.

Os enredos das narrativas invadem o mundo de Isaura de tal forma que a leva a replicar ações ocasionando problemas sérios na família, como ocorreu no episódio em que lia *Religiosa*, de Diderot (1796), narrativa de caráter erótico. O enunciador de *Claraboia* surpreende ao descrever o desenrolar da situação que envolve Isaura e Adriana, logo após transcrever um trecho significativo da obra do escritor francês.

Tal escolha temática faz com que destaquemos novamente a postura apresentada em alguns romances do século XIX, a exemplo de *Madame Bovary*, o qual nos apresenta Emma, ou *O primo Basílio*, protagonizado por Luiza, ambas as protagonistas são leitoras assíduas de romances que as envolve com dramas de amor e traição. Assim muitos críticos apontam essa característica como um incentivo aos seus comportamentos. Essas complexidades são, sobretudo, possíveis graças ao gênero romance. Ian Watt, em *Ascensão do romance* escreve:

parece que o interesse do romancista pela vida cotidiana de pessoas comuns depende de duas importantes condições gerais: a sociedade deve valorizar muito cada indivíduo para considera-lo digno da sua literatura séria; e deve haver entre as pessoas comuns suficiente variedade de convicções e ações para que seu relato minucioso interesse a outras pessoas comuns, aos leitores de romance” (WATT, 2010, p. 63).

Watt segue afirmando que isso surge em uma sociedade pautada em um individualismo. A abordagem do indivíduo que Saramago trouxe nessa prosa inicial, é ainda mais polêmica, pois não descreve apenas uma traição acontecida em um casamento em crise, que já seria controverso a depender da época, e sim dá margem a pensar na possibilidade de uma situação incestuosa e homossexual que não chega a se concretizar. Sabemos a existência de um estilo saramaguiano responsável por construir em seus romances situações que confrontam os valores morais de uma sociedade, isso acontece em *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, por exemplo, e parece acontecer também já em *Claraboia*.

O fato é que, dentro da narrativa, o apreço pela leitura sentido por Isaura aparece como uma estratégia de fuga da realidade, seria quase que a forma daquela personagem conhecer sobre o amor, os desejos e a vida, posto que a sua realidade não permitia isso. Como bem mostra a estória, ela não possuía amigos ou relações sociais significativas, mas vivia de uma maneira repetitiva, o qual a rotina era resumida em trabalho e casa. Ler era, portanto, o seu momento, até acontecer esse episódio que mudou a atmosfera amistosa de sua casa.

Isaura não era a única que tinha gosto por leitura e conhecimentos literários. O personagem Abel, tal qual Isaura, era descrito como um leitor atento, a exemplo do trecho: “Tinha diante de si o segundo volume de uma tradução francesa de *Os Irmãos Karamazov*, que estava relendo para esclarecer alguns juízos resultantes da primeira leitura” (SARAMAGO, 2017, p.) ou quando avista Lídia e compara a situação a uma cena shakespeariana:

Ele vinha cansado, corraera muitas ruas, vira muitos rostos, seguira muitos vultos. E ali estava agora, no quintal de Silvestre, fumando um cigarro e encolhendo os ombros à vida... «Pareço Romeu no jardim de Capuleto», pensou. «Só falta a lua. Em vez da inocente Julieta, temos a experimentada Lídia. Em vez do doce balcão, a janela de uma casa de banho. A escada de

salvação em vez da escada de seda.» Acendeu novo cigarro. «Daqui a pouco, ela dirá: Quem és tu, que assim, envolto na noite, surpreendes os meus segredos?» Sorriu, condescendente, por estar a citar Shakespeare. (SARAMAGO, 2017, p. 152)

Nos dois exemplos selecionados, temos figuras que colaboram para o parecer de uma personalidade intelectual ou, no mínimo, uma postura interessada pela Literatura por parte de Abel. A releitura da obra com o objetivo de esclarecer questões é um aspecto a ser levado em conta, isso porque não estamos diante de um leitor que busca apenas entreter-se, mas sim alguém interessado em aprofundar-se no texto, alguém que estuda a obra.

Essa ideia é reforçada na citação acima, a construção discursiva vai além de comparação objetiva, Abel detalha a sua analogia, por meio do espaço - quintal do Silvestre com o jardim de Capuleto-, e das personagens, ele é Romeu; Lídia é a Julieta. Tais aproximações, também servem para mostrar seu julgamento acerca da vizinha ao vê-la como “experimentada”, e distinta de Julieta. Ademais, Abel sabia de cor trechos da peça *Romeu e Julieta* o que comprova sua prática de reler e dedicar-se a clássicos, seja de Fiodor Dostoievsky, seja de William Shakespeare.

A propósito de Lídia, o narrador também descreve a relação da mulher com os livros. Dessa forma: “Preenchia o vazio dos seus dias desocupados com a leitura de romances e tinha alguns, de bons e maus autores”, um deles seria *Os Maias* descrito como narrador como um “mundo fútil e inconsequente”. Percebe-se aqui uma semelhança entre os mundos: o de Lídia e o de Maria Eduarda, personagem do romance de Eça de Queirós. A julgar pelo olhar de alguns vizinhos, Lídia era uma mulher sustentada por um acompanhante que tinha roupas vistosas e uma vida movimentada, mas mulher vai além, ela compara os sentimentos, quando destaca a seguinte frase da obra: “«além de ter o coração adormecido, o seu corpo permaneceu sempre frio, frio como um mármore...» Lídia gostou da frase” (SARAMAGO, 2017, p. 35).

A citação exposta parece apontar uma íntima identificação, haja vista a forma como ganhava sua sobrevivência no passado e sua relação com Paulino Morais atualmente, que, em termos de afetos, parece ser superficial, pois a conexão entre o casal é da ordem do interesse. Posto isso, o fato de Lídia ser uma leitora e dentre tantas leituras escolher a de *Os Maias*, serve para corroborar com a apresentação de uma personalidade, sendo construída não só pelo olhar de outros que a julgam, mas pelo seu próprio.

A título de recorte, selecionamos alguns exemplos a respeito da evocação da arte literária em *Claraboia*, mas a cultura também estava presente na referência à rádio, especialmente, associada à Adriana. O narrador, inclusive, destaca a frustração da moça a não poder adquirir a máscara de Beethoven: “Chorara um dia inteiro porque não tinha dinheiro para a comprar. Fora isso pouco tempo antes de perder o pai. A morte deste, a diminuição dos recursos económicos” (SARAMAGO, 2017, p. 44). O narrador explicou a situação econômica da família por meio do olhar de Amélia: “havia a rigidez do orçamento apertado, donde fora excluído todo o supérfluo, até aquele supérfluo necessário sem o qual a vida do homem se processa quase ao nível da dos animais” (SARAMAGO, 2017, p. 46).

Adriana trabalhava no escritório e ajudava no sustento de casa. Em seu tempo livre dedicava-se a escrever no seu diário sobre a vida e seu amor platônico por um colega de profissão. Escrever era uma forma de elaborar seus sentimentos, posto que não os dividia com as mulheres de sua casa. Pela escuta, podia contemplar cenas e deleita-se em uma atmosfera sonhadora, ademais era uma forma de entretenimento em família, o qual as preocupações rotineiras têm um intervalo e se autorizam a deleitar-se na arte, assim como a família de Anselmo fazia com o cinema.

As manifestações culturais, como forma de possibilitar o sonho, estavam presentes em pequenos momentos do cotidiano, a exemplo da volta da família de Anselmo do cinema, hábito que eles cultivavam. Não sabemos qual filme foi visto naquele dia, mas a sensação de Rosália ao chegar a casa era: “de repente tivessem deixado a mediocridade da sua vida para subir uns furos na escala do bem-estar económico. A cozinha desaparecia para dar lugar a uma salinha íntima com móveis caros e quadros pelas paredes e um piano a um canto” (SARAMAGO, 2017, p 53.). Aquele momento de cinema juntos, parecia alimentar seus sonhos de riqueza, como se a sétima arte proporcionasse elementos os quais podiam vislumbrar naqueles raros momentos de pós-filme.

De maneira geral, é possível perceber em *Claraboia* a cultura utilizada como aspecto de individualização. Os gostos e os interesses corroboram para a apresentação de uma identidade. Entretanto, as referências que ocorrem de forma recorrente da arte ressaltam outro ponto interessante, o fato de José Saramago oferecer a pessoas que exercem uma profissão comum, uma profundidade intelectual. Dessa forma, temos um sapateiro que se interessa por geopolítica, uma secretária que aprecia peças clássicas de músicas, uma costureira, uma acompanhante e um apontador, leitores de Diderot, Shakespeare, Dostoiévsky e Eça de Queiros. Assim, mais do que apenas entretenimento, essas pessoas buscam na leitura uma conexão com a sua realidade, seja ao propor uma identificação, seja ao perceber seus desejos expostos. Por meio dessa escolha temática, é visível uma postura crítica, visto que a sociedade não costuma depositar nessas pessoas um pensar poético e uma capacidade de elaborar mundos, sendo comumente diminuídas à condição de empregados que cumprem o seu fazer e não se constituem em um ser completo e intelectual.

Considerações finais

“Em todas as almas, como em todas as casas, além da fachada, há um interior escondido” a escolha de José Saramago por essa citação do escritor português Raul Brandão para epígrafe da obra *Claraboia* (SARAMAGO, 2017, p. 7) diz muito sobre a temática do romance. O interior do prédio dos anos 50, responsável por abrigar as famílias que conhecemos, funciona como uma pequena amostra de uma sociedade revelada por meio das relações entre vizinhos.

Com base na teoria da Semiótica Discursiva, atentamos cuidadosamente para as escolhas temático-figurativas do enunciador da prosa selecionada para o estudo. Diante disso, no primeiro tópico refletimos acerca da família, do trabalho e da moral. A saber que a sociedade vista da *Claraboia* é composta por trabalhadores que vivem sob uma opressão do trabalho, ainda que exposta nas entrelinhas, e buscam o sustento dia a dia. Além disso, representa um contexto de organização tradicional, conservador e de ordem patriarcalista. Podemos perceber que muitos valores morais foram relativizados em nome de uma sobrevivência econômica, a exemplo da situação de Lídia com a mãe e Paulino ou a questão da Maria Cláudia. Dessa forma, a narrativa escancara a hipocrisia presente em algumas ocasiões, a qual surge de um ser *versus* parecer, ou seja, nem sempre a postura adotada vai coincidir com a realidade.

A progenitora de Lídia, bem como Anselmo, pai de Maria Cláudia, portam-se com um ar moralista e julgador diante dessa mulher. No entanto, quando convém recorrem a sua ajuda. Ademais, a figura de Lídia e, até mesmo de Abel, ao recusar replicar um modelo tradicional familiar, figuram-se como representantes do rompimento de uma visão conservadora, uma vez que defendem a liberdade de viver da maneira que acham ser melhor, ainda que sob o julgamento negativos dos próximos.

Por conseguinte, procuramos trabalhar como ocorrem algumas manifestações culturais

na obra. Aqui, destacadas pelas referências à música e à Literatura. Percebemos que, ao fazer de alguns personagens conhecedores da arte, leitores e apreciadores musicais, destaca-se a individualização de cada um, pois é, por meio da arte, que os sentimentos, as angústias e as identificações são apresentadas. Tudo isso oferece a essas pessoas uma profundidade humana e intelectual, quase como uma forma de resistência a uma sociedade de teor produtivo capitalista. Assim, nos intervalos da labuta, eles dão espaço à ludicidade e, com isso, colocam em paralelo seus sonhos e suas vidas.

Por fim, ainda que o romance *Claraboia* não expresse por completo o estilo saramaguiano inigualável na Literatura, por se tratar de uma obra de caráter inicial, seu conteúdo torna-se relevante na compreensão da formação de um enunciador que perpassa as produções que viriam a ser escritas futuramente. Nesta prosa, já possível entender o interesse de José Saramago em construir protagonistas que de alguma forma estão à margem de uma conjuntura social que preza pelo ter. Esta postura ideológica acontece não apenas como uma crítica, mas como uma forma de oferecer uma complexidade às personagens. Isso acaba por problematizar a moral vigente e expor elementos sociológicos e discursivos para um debate promissor.

Referências

- ARNAUT, Ana Paula. **José Saramago**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica literária**. São Paulo: EDUSC, 2003.
- CHAGAS, Eduardo F. “O método dialético de Marx: investigação e exposição crítica do objeto”. **Revista Síntese**. Belo Horizonte, v. 38, n. 120, p. 55-70, 2011. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/1036>. Acesso em: 20 de jan. 2022.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2016.
- GREIMAS E COURTÉS. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto 2008.
- HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MENESES, Paulo. “A família: uma abordagem filosófica”. **Revista Síntese Nova Fase**. Belo Horizonte, v. 22, n.70, p. 291-300, 1995. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/download/1450/1819>. Acesso em: 20 de jan. 2022.
- SOARES, Ana Paula de Jesus. **O Nobel esquecido na gaveta – O “modo de ser” de Saramago em Claraboia**. 2020. 130 f. Dissertação (Mestrado em estudos de Língua Portuguesa – Universidade Aberta, 2020).
- SARAMAGO, José. **Claraboia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago**. Lisboa, Caminho, 2018.
- WATT, Ian. **A Ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Tradução Hildegard Feist. São Pulo. Companhia das Letras. 1980.